



RESGATE DE UM IDEAL: A PROPOSTA DE CRIAÇÃO DA UFG

Fausto Miziara
Fabiani Cavalcante¹

Em dezembro de 2010, a Universidade Federal de Goiás completa 50 anos de criação. Tal efeméride suscita uma série de reflexões; afinal de contas, meio século de história de uma instituição multifacetada como a Universidade está prenhe de processos os mais distintos. Este artigo propõe uma reflexão sobre um dos aspectos que configuram o ideal de Universidade expresso pelos criadores da UFG: a concepção institucional da Nova Universidade. Nesse sentido não é propriamente uma história da UFG, mas uma reflexão a partir de sua história.

A UFG foi criada em 14 de dezembro de 1960, por meio da Lei No. 3.834-C, com a reunião de cinco escolas superiores já existentes: a Faculdade de Direito de Goiás, a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Goiás, a Escola de Engenharia do Brasil Central, a Faculdade de Medicina de Goiás e o Conservatório Goiano de Música. Materializava-se assim um antigo sonho da sociedade goiana, uma vez que em 1948 a criação da *Universidade do Brasil Central* fora aprovada por unanimidade pela Assembléia Legislativa estadual. Porém, apenas o empenho de setores expressivos da sociedade conseguiu a implantação de uma Universidade pública 12 anos depois. Para tanto foi fundamental a atuação dos estudantes goianos, com a criação, em 1959, da *Frente Universitária Pró-Ensino Federal*. Além disso, o envolvimento de parcelas significativas dos docentes das faculdades acima

¹ Fausto Miziara é Professor titular de Sociologia (FCS/ UFG) e Fabiani Cavalcante é Graduanda em Ciências Sociais (FCS/ UFG).

referidas permitiu que esse projeto ganhasse fôlego, com o professor Colemar Natal e Silva assumindo papel de grande destaque.

A fundação da UFG a partir de Faculdades isoladas já existentes reproduz a tendência de formação do Ensino Superior no Brasil. Por exemplo, com o objetivo de formar engenheiros militares foi fundada no Rio de Janeiro em 1792 a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, cuja trajetória pode ser acompanhada até a criação da Universidade do Rio de Janeiro, em 1920. Outros exemplos de Universidades que tiveram essa origem são: Universidade Federal da Bahia (Escola de Cirurgia, 1808), Universidade de São Paulo (Faculdade de Direito, 1827), Universidade Federal de Ouro Preto (Escola de Farmácia, 1839), Universidade Federal de Minas Gerais (Faculdade de Direito, 1892).² Seguindo essa perspectiva, podemos identificar as raízes da criação da UFG com a criação, em 1898, da Academia de Direito de Goiás pela Lei N°. 186.

Uma questão que se coloca é qual era o projeto de Universidade que a luta pela sua criação propugnava. Para responder tal questão daremos fala aos protagonistas desse movimento, particularmente ao primeiro Reitor da UFG, o professor Colemar Natal e Silva. Cabe ressaltar, em primeiro lugar, a contundente crítica ao modelo de Universidade então existente. Particularmente dura fora a crítica ao modelo que então disciplinava a atividade docente, o regime de cátedra:

Tenho sempre proclamado, de público e em várias oportunidades, que um dos graves males do sistema universitário atual está na vitaliciedade de cátedra nos moldes em que ela se constitui, de vez que, ressalvadas honrosas exceções, enseja ao professor, após a conquista do título, a se acomodar com o que sabe, repetindo, por longos anos, as mesmas aulas, sem a preocupação de ampliar e renovar os conhecimentos, atualizando-os a causa do desenvolvimento nacional.³

O ano de 1961 foi marcado pelos esforços para a instalação da Universidade. Os primeiros estatuto e regimento da Universidade foram escritos sem uma ideologia própria, apenas para cumprir o que determinava a legislação vigente. No ano seguinte, 1962, realizou-se a Semana do Planejamento. Durante esses dias (21 a 24 de janeiro) a Universidade contou com a presença de Darci Ribeiro

(UnB), Ernesto Oliveira Junior (ITA), entre outros, que puderam orientar a organização e o planejamento da UFG, sob o aspecto de uma universidade renovada. Durante a semana de planejamento foram discutidos assuntos como a criação de Institutos, criação de um Campus universitário e a criação da Faculdade de Filosofia como centro da Universidade, visando a formação de profissionais sob um modelo de Universidade reformada. Acreditava-se em uma universidade integrada e comprometida com a prestação de assistência social à comunidade, além de propiciar maior liberdade e de provocar o entrosamento entre os alunos e professores por meio da distribuição de disciplinas nos diversos cursos.

Pode-se afirmar que uma das grandes preocupações dos fundadores da UFG foi com a promoção de uma maior integração entre os diversos setores componentes da instituição. O fato de ter sido criada a partir de cinco faculdades isoladas impunha como desafio a criação de uma verdadeira Universidade que atuasse de forma integrada e orgânica. Para tanto era solicitado que cada professor proferisse quatro conferências anuais em unidades que não a de sua lotação.

Talvez a tentativa institucional de maior fôlego empreendida no início da Universidade visando promover uma maior integração das áreas que a compunham tenha sido a criação dos *Institutos*. O primeiro *Instituto* criado foi o Instituto de Matemática e Física, em novembro de 1963, inspirado no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Em certa média, este ato foi uma antecipação de um dos elementos da Reforma Universitária de 1968, com a fragmentação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Pode-se perceber na criação dos Institutos a influência recebida, pelos fundadores da UFG, dos pensadores que idealizaram a Universidade de Brasília, inclusive com a participação destes na Semana de Planejamento de 1962. O projeto da UnB, inovador para a época, previa uma estrutura unificada, com Institutos Centrais encarregados da formação básica e da pesquisa fundamental e Faculdades Integradas voltadas para a formação profissional, além dos Órgãos Suplementares. Além dessa estrutura, uma inovação do projeto da UnB era a constituição dos Departamentos, uns elementos que se opunham à instituição da cátedra, tão duramente criticada pelo professor Colemar Natal e Silva.

Do ponto de vista institucional, a UFG estruturou-se em torno de *Institutos* que congregavam diversos *Departamentos* e cursos. Isso se manteve até 1996, quando os *Departamentos* foram desmembrados em *Faculdades*. Cabe ressaltar

² BARRETO, Arnaldo Lyrio; FILGUEIRAS, Carlos A. L., *Origens da Universidade Brasileira*, *Quím. Nova*, vol.30, n. 7. São Paulo, 2007.

³ O problema do professor universitário – Outubro de 1963. *Boletim Oficial*, 1-2.

a escassez de estudos sobre a estrutura da Universidade e do impacto dessa estrutura na integração das atividades de ensino e pesquisa entre as distintas *Unidades*. Paralelamente, pode-se verificar uma diversidade muito grande nos desenhos institucionais das Universidades brasileiras:

As formas de estruturação das universidades brasileiras têm seguido quatro modelos básicos: 1) a agregação dos departamentos em alguns poucos centros; 2) a reunião dos departamentos em número maior de institutos, faculdades ou escolas; 3) a ligação dos departamentos diretamente à administração superior, sem instância intermediária alguma; 4) a superposição de centros às faculdades, aos institutos e às escolas. (p. 131). CUNHA, Luiz Antonio. Reforma Universitária em Crise: gestão, estrutura e território. In TRINDADE, Héglio. *Universidade em Ruínas na República dos Professores*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Cabe ressaltar que no projeto original da UFG, o espaço físico da Universidade também foi pensado como forma de promover maior integração. Apesar de ter sido implementado no Regime Militar, o Campus II da UFG foi concebido já na criação da Universidade, em função do diagnóstico segundo o qual a estrutura existente no Setor Universitário não era condizente com a expansão da Universidade e, segundo o qual, muitas das instalações eram precárias. Idealizava-se uma estrutura – chamada Cidade Universitária – que desse suporte físico a uma concepção de Universidade que privilegiava a integração das distintas Unidades.

Esse projeto inicial da UFG foi tolhido pelo Golpe de 64 e pela Reforma Universitária de 68. A partir daí, a Universidade adquiriu uma dinâmica que não é objeto de reflexão desse artigo. Porém, o resultado desse processo é uma perceptível fragmentação das atividades de ensino e pesquisa na Universidade, conforme se observa na tabela I. Essa tabela apresenta o resultado de uma análise, realizada pela Reitoria da UFG, dos dados das atividades docentes de 2009. A coluna 1 expressa o percentual das horas lecionadas pela Unidade Acadêmica, ou seja “onde” os professores de cada Unidade ministram suas aulas. A coluna 2 apresenta o percentual das horas que a Unidade necessita para seus cursos, representando a participação de professores de outras Unidades em cada um dos cursos.

Tabela I. Análise da Integração entre as Unidades da UFG – Campus Goiânia.

Unidade	Graduação		Pós-Graduação Stricto-Sensu	
	Coluna 1	Coluna 2	Coluna 1	Coluna 2
EA	84,4	51,2	84,4	64,1
EEC	85,4	64,5	100	88,2
EEEC	94,1	61,6	100	90,9
EMAC	83,7	94,7	100	81,1
EV	86,1	64,2	98,8	90,4
FACOMB	99,2	91	93,9	83,8
FAFIL	93,9	79	94,4	100
FANUT	98,8	82,6	45,2	82,3
FAV	97,1	72,2	65,8	93,8
FCS	68,6	74,2	67,3	92,3
FD	70,9	95,7	100	85,7
FE	71,4	98,1	84,0	91,9
FEF	96,7	80,6	-	-
FEN	91,9	81,1	67,8	94,6
FF	93,9	54	35,0	90,3
FH	92,5	93,4	95,5	86,6
FL	96,7	97,9	100	96,2
FM	98,5	59,3	88,5	30,9
FO	99,8	78,3	46,4	77,5
ICB	35,7	73,4	47,2	100
IESA	93,4	92	44,3	82,9
IF	48,8	69,2	77,0	100
IME	55	83,4	55,7	100
INF	53,7	83,4	100	100
IQ	56,4	69	50,0	91,3
FACE	91,6	69,7	-	-

Fonte: Uma análise da integração entre Unidades Acadêmicas da UFG (Campus de Goiânia), utilizando-se as informações do RADOC-2009. Reitoria, 2009.



O que se percebe na Tabela I é uma significativa tendência de as Unidades voltarem-se para seus cursos de graduação e pós-graduação, tanto ministrando aulas para seus cursos prioritariamente, quanto pelo fato delas receberem poucos professores de outras Unidades em seus cursos. Das 26 Unidades consideradas, mais da metade (53,8%) dedicam mais de 90% de sua atividade docente aos seus próprios cursos de graduação. Podem-se observar situações onde Unidades dedicam mais de 90% de sua capacidade docente aos seus cursos, os quais dependem quase exclusivamente (97,9%) de seus próprios professores.

Apesar da tendência a se manter as atividades acadêmicas circunscritas a Unidades isoladas, é possível constatar a emergência de tendências que apontam em um sentido diferente. Uma dessas tendências é representada pela criação de Programas de Pós-Graduação com forte inserção interdisciplinar, tais como o Doutorado em Ciências Ambientais, os Mestrados em Educação em Ciências e Matemática, em Agronegócios e Saúde Coletiva. O fato de três de esses programas estarem vinculados à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e não a Unidades específicas já aponta o sentido de integração que os mesmos representam. Cabe ressaltar

que o Mestrado em Saúde Coletiva é a expressão de outra inovação institucional importante na Universidade, com a mudança na legislação que permite a criação de Núcleos de Pesquisa que envolvam diversas Unidades. Nesse caso, a criação do Núcleo de Estudo em Saúde Coletiva permitiu a articulação de pesquisadores de distintas Unidades em uma perspectiva multidisciplinar. Por fim, cabe indicar que modificações na estrutura física da Universidade também apontam no sentido de uma maior integração. A construção de blocos de salas de aula permite que alunos de diversos cursos convivam no mesmo espaço, saindo dos limites físicos de suas Unidades.

Pela análise realizada é possível constatar que um dos aspectos do projeto dos fundadores da UFG, que previa uma Universidade inovadora para a época buscando uma maior integração entre suas distintas partes, em parte se perdeu. As instituições apresentam dinâmicas que apontam em direções opostas: algumas forças levam a uma autonomia de suas partes, privilegiando suas especificidades, enquanto outras reforçam a integração. No caso da UFG percebe-se a necessidade de um resgate de seu projeto original e a implementação de esforços que promovam a integração de suas Unidades.

DIVERSIDADE E ALTERIDADE NA POLÍTICA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFG: A MOBILIDADE DE ESTUDANTES

Ofir Bergemann de Aguiar
Alexandra Nogueira da Silva¹

A conferência de encerramento do I Encontro Internacional de Reitores do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) e da Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior (ANUIES) do México,² realizado em Salvador-BA, de 21 a 24 de abril de 2010, teve como título “A internacionalização: a quarta missão das universidades”. Nessa fala, o Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Fernando Seabra Santos, destacou as novas competências das universidades e a importância da cooperação universitária mesmo em áreas de conflitos. A internacionalização como quarto eixo da missão universitária, somando-se ao tripé ensino-pesquisa-extensão, foi também objeto de relevo da palestra do Prof. Carlos Alexandre Netto, Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pronunciada por ocasião do II Curso de Gestão da Internacionalização Universitária 2009,³ oferecido pela Associação Nacional

² Informações sobre o evento disponíveis em: <http://www.grupocoimbra.org.br/apresentacao_evento.php?linguagem=1&id=18>. Acesso em: 9 mai. 2010.

³ Informações sobre o curso disponíveis em: <http://www.andifes.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2604:curso-andifes-de-gestao-da-internacionalizacao-universitaria-2009&catid=78&Itemid=94>. Acesso em: 9 mai. 2010.

¹ Ofir Bergemann de Aguiar é Coordenadora de Assuntos Internacionais da UFG e Alexandra Nogueira da Silva é Coordenadora Substituta de Assuntos Internacionais da UFG.